

“Ver o que foi visto anteriormente de novo, quase sempre envolve ver ângulos não percebidos. A leitura posterior do mundo pode ser feita de uma forma mais crítica, menos ingênua, mais rigorosa”

Paulo Freire¹

Recentemente, na cozinha da minha casa, com um grande amigo do grupo de pesquisa, o Leo, ouvi uma conversa interessante. Esse amigo dialoga muito bem com adolescentes (confesso que converso melhor com crianças) e de repente o assunto ali perto da pia era Barbie. A minha filha, a “defendia”. E expunha uma série de argumentos para tal. Achei muito interessante o animado diálogo. Me trouxe lembranças de quando assistia Barbie com ela até quase decorar as falas.

Quando minha menina nasceu morávamos numa casa de 3 cômodos nos fundos de uma oficina. Rua G, 203. Morro do Marítimos. As coisas eram difíceis, mas nada do que era essencial lhe faltou. Um tempo depois me separei e fui morar numa outra casinha de 3 cômodos, “lá embaixo”, na Coronel Guimarães, perto do canal. Arranjei um namorado que não tinha filhos e gostava muito de crianças, ela tinha 4 anos. Hoje ela carrega seu nome em todos os seus documentos, é seu pai também. E todos os domingos, durante bastante tempo eles iam a feira, compravam o jornal O globo de domingo e depois voltavam para casa. Era um passeio para ela e uma oportunidade de fazer alguma leitura ou trabalho da graduação que cursava a época.

Naquele tempo _ é estranho dizer naquele tempo, pois acho que ainda sou mãe de criança, mas não é bem assim_ o jornaleiro do bairro fazia uma promoção para quem comprava o jornal de domingo (mais caro). Quem o comprava ganhava um DVD. Então a diversão da tarde e de quase todo o restante da semana era assistir tal filme escolhido.

Naquela época não havia tantas opções de livros, mídias e brinquedos com uma perspectiva inclusiva como hoje e as que havia eram ainda mais caras. Eu sempre procurei oferecer múltiplas opções para ela, buscava copiar cd’s e dvd’s de grupos como Palavra Cantada, Renato e Glorinha, Bia Bedran. A levava a atividades culturais gratuitas no CCBB, no Centro Cultural dos Correios, Shows abertos. Mas nunca “censurei” qualquer

¹ Freire, Paulo (1997): “Meu primeiro mundo” em: *A sombra desta mangueira*, El Roure Editorial, Barcelona, p. 27

conteúdo. As vezes problematizava uma situação ou outra, mas muitas não prestava atenção e ia movida “na fé” de que seu senso crítico poderia ajudá-la discernir eticamente o caminho a seguir ao longo da vida.

Um filme nos marcou especialmente: *Barbie e as três mosqueteiras* e ela pediu uma fantasia da “Mosqueteira Roxa”. Achei interessante ela escolher para si uma personagem “secundária” da trama. E me lancei a costura porque é coisa que sempre gostei muito de fazer, especialmente fantasias e para ela. Acho que ainda não possuía uma máquina e esta roupa foi costurada inteiramente a mão. Ficamos muito felizes com o resultado, ela o exibiu bastante. Saudades dessa época exibicionista, porque no momento conseguir uma foto é bastante complicado. Adolescentes!

Mas voltando a minha cozinha, em torno da mesa a conversa girava em torno do quanto a figura da mulher alienada, integrante da direita que está em destaque em nosso país e nos coloca em destaque no mundo, foi representada nas redes sociais em milhares de memes por imagens da boneca Barbie e o quanto isso não se aplica a “realidade” da “personagem” da forma que é amplamente ventilada nessas mídias.

Como argumentos escutei que na verdade a Barbie é uma mulher super independente. Até intervi na discussão, pois no filme a pouco citado quando recebe uma proposta do príncipe ela o larga sozinho para seguir o seu trabalho no posto de mosqueteira pelo qual tanto lutou e conseguiu ocupar mesmo sendo mulher. Ela defendia um reinado, mas eu adorava esse filme!

Nesta conversa descubro que a Barbie é uma atriz de sucesso e na verdade possui uma série onde é “ela mesma”. A série *Barbie: Life in the Dreamhouse* é a primeira série de desenho animado baseada na boneca e surge quando a empresa começa a fazer adaptações animadas de seus brinquedos para internet. Ela é uma espécie de *reality* do cotidiano da Barbie e seus amigos. A protagonista mora com suas irmãs numa mansão cor de rosa, conhecida como Dreamhouse. É conhecida como celebridade tendo tido mais de 136 carreiras ao longo de seus mais de 50 anos. Os cabelos loiros e compridos e a predileção pela cor rosa são suas marcas. Por seu sucesso ela também tem uma amiga invejosa, a Rachele, que trama contra ela todo tempo com a ajuda do seu irmão, Ryan, que se mostra bastante egocêntrico e tem uma obsessão pela boneca. Apesar das armações a Barbie sempre releva e segue adiante sendo sempre solidária e empática com todos. Ela namora o Ken, que faz tudo por ela e segundo “vozes adolescentes” representa um contraponto

ao machismo vaidoso do Ryan e uma quebra na masculinidade toxica patriarcal ainda imperante.

Um dia em seu enorme armário ao ver uma roupa de astronauta uma amiga lhe pergunta:

_ Você já foi a lua?

Ao que a boneca responde:

_ E você não?

Embora na série more numa mansão, quando eu era pequena era chamada apenas de casa. Era sonho meu e de minhas amigas ter uma Casa da Barbie. Mesmo na série, a boneca é uma trabalhadora, vive do próprio trabalho como atriz. Longe de mim defender a indústria que vive da exploração e tem como único fim o lucro, nesse pequeno texto trago apenas algumas questões para pensarmos, o olhar de uma adolescente hiper conectada da periferia sobre a boneca.

Considero que quando a Mattel cria bonecas negras e/ou com deficiência, visa o lucro e o marketing gratuito que isso gera. Que muitas meninas vão passar a vida inteira desejando ter uma Barbie Original e nunca poderão ter. Que o slogan, título deste texto, é meritocraticamente mentiroso. Mas também acho importante que meninas discutam no Twitter que mulheres não deviam se tornar representantes da direita neofascista que infesta o país por serem loiras, por terem muitas roupas, sapatos ou o que quer que seja! E que, quando um emprego não dá certo e um relacionamento junto é possível tentar fazer outra coisa, em outro lugar, como em Moda e Magia.

Enfim... Sempre tem alguma coisa pra aprender com alguém numa cozinha. Ou em qualquer lugar. Fé na juventude sempre.